



***TIKTOKZAÇÃO DAS MASCULINIDADES: ESTUDOS CULTURAIS,
QUESTÕES DE GÊNERO E JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA¹***

***TIKTOKZACIÓN DE LAS MASCULINIDADES: ESTUDIOS
CULTURALES, CUESTIONES DE GÉNERO Y JUVENTUD CONTEMPORÂNEA***

***TIKTOKZATION OF MASCULINITIES: CULTURAL STUDIES, GENDER
ISSUES AND CONTEMPORARY YOUTH***

João Paulo Baliscei²

Pedro Decleva Fernandes³

RESUMO

Este artigo se debruça sobre o fenômeno criado e explorado pela juventude contemporânea ocidental, conhecido como “TikTokzação”. Como as representações de gênero e de sexualidade afetam a juventude contemporânea têm redefinido concepções de masculinidade? O objetivo do artigo é discutir sobre a construção visual das masculinidades experimentadas pela juventude contemporânea. Examina-se, a partir dos Estudos Culturais e do Estudo das Masculinidades, como as dinâmicas culturais da Pós-Modernidade estão moldando as noções de masculinidades e os desafios e as oportunidades afetadas a essa identidade de gênero. A reflexão se apresenta em dois tópicos: no primeiro, argumenta-se sobre as características voláteis das identidades contemporâneas tendo, como referência, os Estudos Culturais. No segundo, investigam-se os aspectos visuais, culturais e identitários, intrínsecos aos modos como a juventude contemporânea tem produzido significados afetados às masculinidades pela TikTokzação.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Estudos Culturais. Juventude. Contemporaneidade.

¹ Este artigo é decorrente do desenvolvimento de uma pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “*Ken é homem suficiente?*”: *Masculinidades hegemônicas e subalternas na Cultura Visual contemporânea em Barbie (2023)* (Processo: 654/2023). Ela, por sua vez, integra o Projeto de Pesquisa Ensinando e Aprendendo a Olhar(-se): Artes Visuais, Educação e Imagens na perspectiva dos Estudos da Cultura Visual (Fase 2), processo 2319/2020. É, ainda, fruto das ações realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEL.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: vjbaliste@gmail.com.

³ Graduando em História pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: pedronesle@gmail.com.

RESUMEN: Este artículo se centra en el fenómeno creado y explorado por la juventud occidental contemporánea, conocido como “TikTokzación”. ¿Cómo han redefinido las concepciones de masculinidad las representaciones de género y sexualidad que afectan a la juventud contemporánea? El objetivo del artículo es discutir la construcción visual de masculinidades vividas por la juventud contemporánea. Examina, desde los Estudios Culturales y desde los Estudios de Masculinidades, cómo las dinámicas culturales de la posmodernidad están dando forma a las nociones de masculinidades y a los desafíos y oportunidades asociados con esta identidad de género. La reflexión se presenta en dos temas: en el primero, se argumenta sobre las características volátiles de las identidades contemporáneas tomando como referencia los Estudios Culturales. En el segundo, se investigan aspectos visuales, culturales y identitarios, intrínsecos a las formas en que la juventud contemporánea ha producido significados vinculados a las masculinidades a través de la TikTokzación.

PALABRAS CLAVE: Masculinidades. Estudios Culturales. Juventud. Contemporáneo.

ABSTRACT

This article focuses on the phenomenon created and explored by contemporary Western youth, known as “TikTokzation”. How have representations of gender and sexuality affecting contemporary youth redefined conceptions of masculinity? The objective of the article is to discuss the visual construction of masculinities experienced by contemporary youth. It examines, from Cultural Studies and the Study of Masculinities, how the cultural dynamics of Post-Modernity are shaping notions of masculinities and the challenges and opportunities associated with this gender identity. The reflection is presented in two topics: in the first, it argues about the volatile characteristics of contemporary identities using Cultural Studies as a reference. In the second, visual, cultural and identity aspects are investigated, intrinsic to the ways in which contemporary youth have produced meanings attached to masculinities through TikTokzation.

KEYWORDS: Masculinities. Cultural Studies. Youth. Contemporaneity.

* * *

Há modelos saudáveis de masculinidades e outros não

Michael Kimmel

Introdução

Homens e meninos contemporâneos têm tido suas emoções e desejos “castrados” por um modelo hegemônico de masculinidade, que atua como um mecanismo regulador de comportamentos considerados “desviantes”. Essa questão é abordada por um documentário de 2015, da Netflix. Em *The Mask You Live In*, explora-se um cenário relativamente contemporâneo em que homens e meninos se empenham em se encaixar num modelo ideal, portanto, hegemônico de masculinidade. A partir de uma série de depoimentos concedidos por essa juventude castrada – bem como das participações de teóricos dos Estudos das Masculinidades, como o estadunidense Michael Kimmel – o

documentário verifica como esses indivíduos tendem a rejeitar tudo aquilo que não lhe é apresentado como masculino o suficiente ou o que pode colocar suas virilidades em xeque. Considerando que, a partir desse modelo hegemônico, desde cedo, homens e meninos são ensinados a seguir prerrogativas violentas, como aquelas que, por exemplo, determinam que homem “não” chora, “não” sente dor, “não” pode ter muito contato físico com outros amigos homens, podemos pontuar que essa busca acarreta vivências tóxicas e não saudáveis da masculinidade.

Uma das características da busca por uma masculinidade hegemônica e o reflexo de ideais tradicionais política e culturalmente já assimilados pelas sociedades é que, muitas vezes, ela é atravessada por comportamentos e valores misóginos, homofóbicos, racistas e eurocentristas. É nesse contexto que a frase trazida para a epígrafe, conclamada por Kimmel em um trecho do documentário (1’16’00”), toma sentido, haja vista que, ao passo que existe um “padrão ideal” de masculinidade a ser seguido – ao qual, aqui nos referimos como masculinidade hegemônica -, existe, também, o “anômalo”, que é desencorajado por suas condutas desviastes e/ou feminilizantes e que coíbe vivências saudáveis e maneiras mais complexas e criativas de explorar as identidades de gênero e de sexualidade.

Um dos meninos entrevistados no documentário, Matthew, aponta que seus amigos se fazem de “durões”, mesmo não os sendo (05’47”). Outro menino, Tim, reflete: “eu sempre senti pressão para ser forte e masculino” (07’34”). Por fim, um homem jovem, Charlie, explica que apesar de ele ter tido interesses em participar de peças de teatro na escola quando era mais novo, enxergava isso como um tabu, “você não deveria fazer”, disse ele (07’34”). Diante desses relatos e do documentário como um todo, percebemos que existem mecanismos de vigília adotados pelos homens e meninos, na socialização que desempenham entre eles, e que tais sujeitos se utilizam de prescrições para regerem como eles mesmo devem se portar para serem autenticados, pelo grupo, como “verdadeiros homens”. Conforme as análises compartilhadas pelos estudiosos convidados a participar do documentário e também pelo desfecho que ele propõe, esse fator social tem compelido meninos e homens, desde a infância e com ênfase na juventude e na vida adulta, a desenvolverem uma espécie de crise identitária sem precedentes. Essas prescrições, praticadas, reforçadas e, inclusive, celebradas em níveis culturais, visuais e, portanto, simbólicos, têm contribuído para intensificar uma sensação de vulnerabilidade entre sujeitos infantis, jovens e adultos - estado que é negado e velado por eles.

Diante desse documentário e das análises iniciais que realizamos acerca dele, sentimo-nos motivados a responder à chamada da Revista *Diversidade & Educação*, no dossiê intitulado *Juventudes Contemporâneas – articulações com os Estudos Culturais, Gênero e Sexualidade*. Assim, propomos, neste texto, pensar sobre os temas apresentados no documentário *The Mask You Live In* (2015), a partir de uma abordagem acadêmico-científica. Verificamos que Kimmel, quem aparece no referido documentário é, também, expressão dos Estudos das Masculinidades, um campo de investigação que guarda proximidades e convergências com os Estudos Culturais, como apresentamos mais adiante. Em um artigo intitulado *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*, Kimmel (1998) indica que as masculinidades não são caracterizadas da mesma forma e que tampouco operam a partir dos mesmos privilégios. Segundo afirma, há uma produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Kimmel (1998) sintetiza que os significados de masculinidade variam de cultura para cultura e, dessa maneira, os variados modelos de masculinidades precisam ser compreendidos numa constante que considera os distintos períodos históricos em que foram ou estão inseridos e as diferentes definições e leituras que podem ser feitas em relação ao que significa “ser homem”. Kimmel (1998) se debruça sobre outros estudos advindos, por exemplo, da economia, da luta de classes, da sociologia e da psicologia, para explicar essa relação que, à época, emergia entre o capitalismo e a noção vigente de hombridade, a qual, em sua análise, causava, aos homens, cada vez mais ansiedade, haja vista as demonstrações e prova constantes que requeria deles.

Ao que se refere a essa busca da hegemonização do modelo de hombridade estadunidense, o autor traz três padrões básicos de provas que são exigidas dos homens para que eles façam “demonstrações” de suas masculinidades. A princípio, a masculinidade seria constatada através do autocontrole, fazendo do corpo um instrumento e uma expressão da dominação. Em seguida, a masculinidade seria aprovada através de uma “fuga” para espaços hostis. Isso se dá, conforme indica Kimmel (1998), por exemplo, no ingresso ao exército e nas práticas de esportes, a partir das quais os homens “provariam” sua hombridade contra a natureza, para outros homens e longe das influências “feminilizantes” que as cidades e outros espaços “civilizados” podem dispor.

Em última instância, os homens buscariam autenticar sua masculinidade bem sucedida através da desvalorização de outras formas de masculinidade, portanto, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação do “outro” – prática

esta inaugurada na infância e intensificada na juventude, conforme percebemos em jogos, competições, provocações e rivalidades entre grupos masculinos.

Ademais, Kimmel (1998) explica que a reafirmação de tais práticas tem acontecido dentro da cultura, através de veículos de mídia, tais como a televisão, revistas, propagandas, filmes, séries e jogos de videogames. Aos exemplos mencionados pelo autor, acrescentamos outros, mais atuais, como os *podcasts*, *reels*, *selfs*, *stories*, *memes* e demais artefatos da cultura visual que ganham destaque conforme a popularidade em redes sociais, como o TikTok, que têm sido tendência entre os sujeitos contemporâneos, em especial, os jovens.

A preocupação com as imagens guarda relações diretas com o segundo campo de investigação que subsidia esta pesquisa e que tem destaque no dossiê proposto pela Revista Diversidade e Educação, os Estudos Culturais. Esse campo evidencia as maneiras como os artefatos visuais produzem significados, muitos deles atrelados às identidades culturais, dentre elas, àquelas que constituem a juventude contemporânea. Stuart Hall (1997), pioneiro dos Estudos Culturais, em *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* (1997), examina o papel constitutivo que a cultura desempenha em todos os aspectos da vida social. O autor destaca que, apesar de a cultura sempre ter sido importante, desde a segunda metade do século XX, ela passou a ser central na vida dos sujeitos contemporâneos àquela época. Hall (1997) aponta que a cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam, seja nas telas dos cinemas e televisão ou nos *outdoors* dos postos de gasolina. Aos exemplos do autor, somamos, uma vez mais, aqueles mais atuais, afetos às redes sociais, que implicam a formação e transformação identitária da juventude contemporânea, em especial, no que tange às questões de gênero e sexualidade. As transformações sociais advindas da Revolução Industrial e das revoluções culturais modificaram os modos com que as pessoas se relacionam com as imagens, e as mídias tiveram, ainda conforme Hall (1997), um papel central nessa mudança de paradigma - haja vista que, a partir delas, tem sido possível encurtar as velocidades a partir das quais as imagens viajam.

Acerca da produção empírica atrelada ao processo de formações de identidades, Luciana Nunes (2010), em *As imagens que invadem as salas de aula*, conversa com Hall (1997), explicitando o papel das imagens nesse processo e dando ênfase aos espaços educativos e escolares. Em suas pesquisas, a autora explícita que a sociedade é construída através dos aspetos culturais dos grupos com os quais convive e, com isso, acaba por reproduzir e/ou transformar as maneiras deles sobre como agir e pensar. Em outras

palavras, as imagens são entendidas como uma linguagem que produz significados que são atravessados por conhecimentos, hábitos, consumos, preconceitos, valores e crenças de diferentes atores e atrizes sociais. A autora se debruça especificamente sobre as questões de gênero e sexualidade, verificando, como crianças da Educação Básica, fortalecem e aprovam alguns comportamentos e visualidades como “legitimamente” masculinas e femininas, ao mesmo tempo em que desautorizam e invalidam outras. Cadernos, figurinhas, adesivos, camisetas, estojos e demais materiais escolares são analisados pela autora, em diálogo com as crianças estudantes, a fim de verificar como elas constituem suas identidades de gênero e de sexualidade em interfaces com tais artefatos da cultura visual.

Hall (1997) e Nunes (2010) são dois dos autores, expoentes dos Estudos Culturais, recorrentes nas pesquisas, publicações e ações artísticas promovidas pelo Grupo de Estudos em Arte, Educação e Imagens – ARTEI. Atuante desde 2019, esse grupo de pesquisa, do qual participamos, tem, como tradição epistemológica, a prática de questionar imagens contemporâneas e produtoras de significados afetos a grupos sociais específicos. Os textos *“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância*, de João Paulo Baliscei e Bruna dos Santos Brasil (2023); *(In)visibilidade negra e Cultura Visual: Chapeuzinho Vermelho negra e Lobo Mau branco*, de Baliscei e Emanuelle Dalécio da Costa (2023), e, mais recentemente, *Memetizando em sala de aula: Memes, Leitura de Imagem e desafios da Educação Contemporânea*, de Baliscei e Maria Fernanda Serrilho de Abreu Paulino (2024) são, todos, pesquisas que demonstram esse interesse.

Tendo em vista os desdobramentos proporcionados por artefatos da cultura visual mais contemporâneos, neste artigo, lançamos um problema de pesquisa e atrelado às redes sociais: como as representações de gênero e de sexualidade afetas à juventude contemporânea têm redefinido concepções de masculinidade? Para lançar respostas a essa pergunta, interessamo-nos, especificamente, no fenômeno criado e explorado pela juventude contemporânea ocidental, conhecido como “TikTokzação”⁴ e lançamos, o seguinte objetivo: Discutir sobre a construção visual das masculinidades experimentadas pela juventude contemporânea, a partir do fenômeno da Tiktokzação.

⁴ TikTokzação refere-se à adaptação de conteúdo para o formato e estilo popularizado pela plataforma TikTok.

Em âmbito social, observamos que a TikTokzação das masculinidades se refere não apenas à adesão de meninos e homens pela plataforma, mas também à maneira como os mesmos se apresentam, se relacionam e se identificam dentro desse espaço digital, cada vez mais influente entre a juventude contemporânea. Ao longo deste artigo, examinamos, utilizando dos Estudos Culturais e dos Estudos das Masculinidades, como as dinâmicas culturais da Pós-Modernidade estão moldando as noções de masculinidade, os desafios e as oportunidades que surgem nesse processo. Estruturalmente, dividimos a reflexão em dois tópicos para além da introdução e das considerações finais. No primeiro deles, argumentamos sobre as características voláteis das identidades contemporâneas tendo, como referência, os Estudos Culturais. Também apresentamos aspectos históricos, políticos e identitários relacionados a emergência e ao fortalecimento desse campo de investigação. Por fim, no segundo tópico, dedicamo-nos a investigar aspectos visuais, culturais e identitários, intrínsecos aos modos como a juventude contemporânea tem produzido significados afetos às masculinidades pela Tiktokzação.

Estudos Culturais: centralidade da cultura e identidades voláteis

O sociólogo britânico-jamaicano Hall (1995; 1997), pormenoriza que os significados culturais têm produzido efeitos reais e regulado práticas sociais, bem como teoriza que há uma espécie de “centralidade da cultura” na vida dos atores e atrizes sociais, perspectiva que pode ser organizada em duas categorias: a “substantiva” e a “epistemológica” – sobre as quais comentaremos nesse capítulo.

No primeiro caso, Hall (1995), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, destaca que a presença da cultura em todas as esferas da vida humana ocorreu através de uma “Revolução Cultural” – que se se deu, sobretudo, através de um processo de globalização hipermedializado e pelo desenvolvimento de novos meios de produção e tecnologias – cujo impacto acarretou a difusão de discursos culturais plurais em níveis globais e que culminou num novo campo de estudos, os Estudos Culturais. Hall (1995; 1997) evidencia que a teorização que impulsionou a emergência dos Estudos Culturais como campo de investigação se difere do marxismo clássico, haja vista que esse campo de investigação não lê a cultura, necessariamente, como uma força motriz, capaz de moldar as relações sociais, mas sim, como um, dentre tantos, resultados de uma estrutura social amparada pela luta de classes.

Em uma perspectiva semelhante, Nunes (2010) explica que, de início, os Estudos Culturais se apresentaram a partir de uma base marxista, todavia, essa perspectiva foi

alterada conforme descontentamentos com a matriz clássica da vertente. Historicamente, os Estudos Culturais tiveram destaque em meados do século XX, nos países britânicos e nos Estados Unidos, no período Pós-Guerra e ganharam maior visibilidade em um contexto sociopolítico quando, junto a chegada da Modernidade e de suas transformações, anunciava-se a promessa do fim das injustiças e das tensões entre as classes – o que não se concretizou. Dessa maneira, essa conjuntura fez com que, no campo dos Estudos Culturais, tornassem-se constantes as denúncias quanto ao reducionismo característico do marxismo clássico, fundamentado unicamente na luta de classes.

Essa divergência de pensamentos acarretou em uma descontinuação epistemológica e em uma ruptura com a vertente clássica marxista por um lado, e por outro, oportunizou aberturas para novas formas de se conceituar o campo dos Estudos Culturais. Nunes (2010) cita que as obras consideradas pioneiras para esse campo de investigação foram produzidas por autores provenientes de classes operárias, como Richard Hoggart (1918-2014), Raymond Willians (1921-1988), Edward Thompson (1924-1993) e o próprio Hall. (1932-2014). Esses e outros autores revolucionaram o campo dos estudos das Ciências Humanas ao abrirem espaços a partir dos quais as expressões culturais marginais puderam ser abordadas de modos até então não vistos. A partir do tratamento epistemológico conferido pelos Estudos Culturais, expressões culturais marginalizadas passaram a ser enxergadas em diálogos com as realidades marginais dos grupos a elas vinculados – considerando-se, portanto, classe, raça e etnia, gênero, sexualidade, religião e outros marcadores identitários que atravessam a produção cultural de um grupo.

No Brasil, os Estudos Culturais têm como pioneiro o catarinense Tomaz Tadeu da Silva (1948) quem, conforme Nunes (2010), tem buscado desnaturalizar concepções que defendem uma única percepção de verdade. Os estudos do autor procuram legitimar temáticas atreladas às identidades de grupos que, de modo geral, são lidos como inferiores a partir de uma perspectiva que valoriza a cultura hegemônica. Em *Documentos de identidade*, Tomaz Tadeu da Silva (2013) enfatiza que a compreensão de cultura que tem sido criticada pelos Estudos Culturais, desde a sua institucionalização na década de 1960, é aquela estritamente elitista e burguesa e que, por assim ser, autorizava e validava como “corretas” apenas as produções artísticas e literárias engendrada no bojo grupos específicos, já privilegiados. Essa noção de cultura da qual os/as autores/as vinculados/as aos Estudos Culturais procuram se afastar contribui para a manutenção e concessão do poder concedido aos grupos dominantes e, conseqüentemente, para a depreciação daquilo

que se difere dos parâmetros culturais, estéticos, artísticos e políticos forjados pela hegemonia. Sobre isso, Silva (2013, p. 131) argumenta que, a cultura precisa ser compreendida como os modos de vida a partir dos quais qualquer agrupamento humano experiencia a vida e que, a partir dessa perspectiva “[...] não há nenhuma diferença qualitativa entre, de um lado, as ‘grandes obras’ da literatura e, de outro, as variadas formas pelas quais qualquer grupo humano resolve suas necessidades de sobrevivência”.

Ainda que se manifeste a partir de diferentes vertentes, em comum, pensamentos orientados pelos Estudos Culturais problematizam situações usuais e contemporâneas, produtos e produtoras de cultura, e que, por isso, merecem ser pautadas nas discussões acadêmico-científicas. Os Estudos Culturais também se opõem aos binarismos que constituem a Modernidade e os pensamentos construídos nela, isso é, as concepções tidas e difundidas como “verdadeiras”, “únicas” e “generalizadas” que, dentre outras coisas, pressupõem, por exemplo, que algumas culturas e grupos são mais importantes que outros. Nunes (2010) complementa que as discussões propostas pelos Estudos Culturais, desde o princípio, visavam valorizar expressões culturais marginais. A autora frisa que houve, por parte desse novo campo de estudos dos grupos “infames”, certo acolhimento daqueles/as que precisavam se adaptar às convenções hegemônicas para serem legitimados/as.

Os Estudos Culturais, portanto, interessam-se pelos grupos que tiveram e que têm, ainda hoje, suas expressões culturais negadas e silenciadas. Dessa maneira, noções de subjetividades, gênero, sexualidade, raça, etnia, classe, religião, juventude e outras perpassam os interesses políticos, epistemológicos e científicos abordados pelo campo dos Estudos Culturais.

Para além da categoria substantiva que Hall (1997) atribui à “centralidade da cultura”, há, finalmente, uma outra, a categoria epistemológica. Sobre ela, o autor comenta que, em meados do século XX, houve uma outra, a categoria uma “virada cultural”, responsável pela cultura passar a ter maior peso explicativo nos campos de produção do conhecimento. Hall (1997) explica que apesar de a produção de conhecimento sempre ter sido um fator importante para os campos das ciências sociais (produção histórica, sociológica, filosófica, etc.), após a virada cultural, houve uma redefinição significativa dessa importância. Sobre isso, Nunes (2010) acrescenta a importância da “virada linguística”, um fenômeno que inaugurou um novo entendimento sobre o papel que a linguagem desempenha nas discussões relativas à formação de conhecimentos e sujeitos. Segundo a autora, há um novo entendimento sobre o papel da

linguagem, a saber, de que enunciados têm suas regras próprias, de modo que não há total controle e acesso sobre aquilo que se pensa sobre os discursos. Essa conjuntura, segundo Nunes (2010) é característica da Pós-Modernidade.

A Pós-Modernidade pode ser aproximada a um outro conceito que caracteriza um momento social e temporal, a Modernidade Líquida, segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (1999). Conforme explica, essa é um movimento intelectual que proclama que a sociedade está vivendo uma nova época histórica, posterior àquilo ao qual o autor se refere como Modernidade Sólida. Nessa nova era, a vida econômica, política e de organização social, e inclusive pessoal, se organiza a partir de princípios definitivamente instáveis e relativistas. Bauman (1999, p.7) explica, recorrendo à metáfora do líquido, que tudo na sociedade pós-moderna “[...] escorre das nossas mãos, por entre os dedos, feito água”. Em outra obra, *Tempos Líquidos* (2007), o autor evidencia que a natureza fluida e volátil da sociedade líquido-moderna, caracterizada pela rápida mudança social, contribui para que nada mais seja durável. Nesses tempos líquidos, instituições sociais, padrões culturais, relacionamentos e mesmo identidades de gênero e de sexualidade são, cada vez mais, efêmeros, transitórios e ambivalentes. Ademais, Bauman (1999; 2007) aponta que os tempos contemporâneos, iniciados na transição do século XX para o XXI, são marcados pela crise das instituições coletivas. Se outrora essas instituições, fundamentadas na tradição e na autoridade, eram capazes de manter (ou pelo menos de prometer) a ordem e evitar a “liquidificação” das relações, agora, em um tempo ao qual Bauman (1999; 2007) denomina como Modernidade Líquida, ocorre uma dissolução desses pilares, relativizando, ou, como menciona o autor, derretendo certezas antes sólidas. Em outras palavras, o sistema político, o sistema partidário, a educação escolar, as instituições religiosas, as formas de se organizar a própria vida e as relações estabelecidas entre as pessoas, conforme o autor, não funcionam direito mais – ou, pelo menos, não mais como funcionavam antes.

Especificamente sobre as identidades, Bauman (2007) – numa visão pessimista quando aproximada da visão de Hall (1997) e de Nunes (2010) – afirma que as mesmas se tornaram flexíveis, voláteis e fluídas, em contraste com os modelos societários estáveis e fixos de outrora. O novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade, provenientes de um processo de globalização, retratam, para o autor, um lado nebuloso da contemporaneidade. Esse fenômeno está relacionado aos aspectos negativos que o autor atribui ao processo de globalização, os quais não conseguem mais oferecer às pessoas a segurança da estabilidade, em nenhuma área de

suas vidas, tanto em âmbitos individuais como coletivos. Sob bases tão instáveis, inseguras e líquidas os sujeitos contemporâneos não são capazes de construir uma memória social e tampouco a sensação de pertencimento a um agrupamento ocupacional

Acerca da produção cultural atrelada ao processo de formações dessas identidades pós-modernas, tanto Nunes (2010) quanto Hall (1997), concordam com o importante papel das imagens nesse processo. Em suas pesquisas, ambos explicitam que a sociedade é construída através dos aspectos culturais dos grupos com os quais convive e, com isso, acaba por reproduzir e/ou transformar as maneiras deles sobre como agir e pensar, inclusive no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade vivenciadas pela juventude contemporânea. Nesse contexto, a produção de imagens pode sinalizar diferentes discursos e/ou narrativas, a partir do grupo de convivência específico com o qual essa está vinculada desde a sua produção.

Nesse ínterim, as imagens da cultura visual desempenham um papel fundamental acerca da produção de significados relacionados a temas que interessam à juventude contemporânea, como identidade e questões de gênero e sexualidade. Sobre isso, Kimmel (1998) aponta que muitos dos exemplos de masculinidades reproduzidos em veículos midiáticos, como a televisão, as propagandas, filmes, séries, jogos de videogames e práticas esportivas, são embasados no hipermasculinismo – que estimula dominação e violência – modelo que a juventude tende a emular. Desse modo, a leitura e compreensão realizadas por indivíduos masculinos do que é ser “um homem” é influenciada desde a infância e intensificada durante a juventude (Kimmel, 1998).

Nesse contexto de amplitude e disputas dos significados afetos às masculinidades, entendemos que, no geral, os Estudos Culturais englobam os estudos das culturas, tomando-as para além daquilo que ficou estabelecido, por muito tempo, como cultura hegemônica, incluindo, em seu interesse de análise, também, as representações identitárias elaboradas, por exemplo, por veículos midiáticos e, em especial, pelas redes sociais. Ancorados nesse campo de investigação, concebemos que nem tudo se reduz à cultura, mas tudo é atravessado por ela. Desse modo, práticas são reconfiguradas na e a partir da cultura; o que, obviamente, resulta em disputas entre grupos divergentes. Diante dos Estudos Culturais, entendemos, então, a cultura como um campo de luta, como uma arena de batalha entre perspectivas hegemônicas e contra hegemônicas, onde os embates são constantes, e as vitórias e derrotas não são permanentes.

Juventude Contemporânea: o dilema das múltiplas expressões do masculino

Em 2020, uma matéria do *The New York Times*, publicada por Alex Hawgood e intitulada *Everyone Is Gay on TikTok* (Todo Mundo é Gay no TikTok, em tradução livre), investigou a tendência seguida por influenciadores heterossexuais que utilizavam do apelo homoerótico para a criação de vídeos, na rede social TikTok. Esse fenômeno, como aponta a matéria, está estritamente ligado à mutabilidade do conceito de masculinidade. A matéria explora que essa tendência foi seguida por jovens que se autodeclararam como heterossexuais, entre a faixa etária de 15 a 20 anos. Inerentes a um fenômeno nomeado *fun to be gay* (gay por diversão, em tradução livre), tais jovens heterossexuais foram “acusados” de serem gays, por assumirem um comportamento interpretado como próprio desse grupo. Nos vídeos, o grupo era mostrado, em diferentes configurações, atravessando a rua de mãos dadas, compartilhando a mesma cama, admirando a aparência uns dos outros e simulando beijos. As “acusações” partiram do pressuposto que tais jovens, ainda que heterossexuais, estariam vivenciando um modelo de masculinidade “desviante” do hegemônico, que é sócio e culturalmente construído e verificado a partir de bases que enaltecem a virilidade, a hombridade e, principalmente, a não demonstração de afetos entre pessoas do mesmo gênero. Esse modelo hegemônico de masculinidade, portanto, entende as ações, gestos e trocas afetivas experimentados pelos influenciadores como feminilizantes e homossexuais.

Em contrapartida, os jovens influenciadores não pareceram se abalar com as críticas, haja vista que, com tal conteúdo, eles superaram marcos de inscritos/as e visualizações em seus perfis. Em 2020, Foster Van Lear, um influenciador estadunidense, à época com mais de 500 mil seguidores/as no TikTok, declarou à mídia que “atualmente todos são fluidos e, portanto, os homens se tornaram menos hesitantes em relação a coisas físicas”. Outro influenciador estadunidense, Josh Richards, membro do grupo Tiktoker Sway Boys, declarou que, envolvendo-se na produção de conteúdo homoerótico, ele conseguiu alcançar cerca de 22 milhões de seguidores/as na plataforma.

Segundo a socióloga australiana Raewyn Connell em *Políticas da Masculinidade* (1995), o conceito de masculinidade se refere às expressões e construções sociais do que significa ser homem em uma determinada sociedade. Para a autora, as masculinidades devem ser entendidas como práticas que envolvem a posição dos homens dentro das relações de gênero estabelecidas em uma sociedade. Em outras palavras, as masculinidades se referem a comportamentos, atitudes, valores e características que validam o poder e dominação dos homens perante aos demais numa sociedade. É importante ressaltar que as masculinidades não são fixas nem universais, mas sim

moldadas por contextos culturais, sociais e históricos específicos, resultando em uma variedade de formas de ser homem.

Nesse sentido, Connell (1995) explicita que o interesse dos homens ao que diz respeito às questões de gênero é, muitas vezes, intrínseco ao desejo de manutenção de seus privilégios. De fato, a autora aponta essas divisões entre os homens, esclarecendo que embora os homens, em geral, se beneficiem do dividendo patriarcal, grupos específicos de homens ganham muito pouco com eles. A autora exemplifica que os jovens de classe operária, os meninos e homens verdadeiramente gays, trans, afeminados e negros se tornaram alvos sistemáticos do preconceito e da violência, inseridos num sistema que tem optado pela manutenção de uma ordem de gênero não-igualitária, predominantemente branca e hegemônica.

Diante disso, chamamos atenção para o fato da juventude contemporânea vivida pelos TikTokers que, mesmo pertencentes a um grupo identitário hegemônico - o da heterossexualidade -, parecem estar interessados em explorar modalidades mais flexíveis de suas identidades de gênero e de sexualidade. Se por um lado, as vivências e desejos experimentados e propostos a partir dessas práticas culturais protagonizadas por jovens rapazes indicam que, na contemporaneidade, as noções de masculinidades, sexualidades e mesmo de identidades são distintas daquelas em evidência em outros períodos históricos, por outro lado, apontam, ao mesmo tempo, para um motivo menos nobre.

Mobilizados por uma onda viral no mundo *on-line* e pelo *status* de pertencimento que dela decorre, os influenciadores aos quais a matéria se refere estavam produzindo conteúdos homoeróticos não necessariamente para alargar os limites de gênero e de sexualidade de um grupo, mas, sim, para ganharem mais visualizações em seus perfis. Sendo decorrente de uma *trend*, na altura, os vídeos, fotos e demais conteúdos produzidos por esse grupo aparentemente atrairiam cada vez mais seguidores/as para seus perfis na referida plataforma.

Em *Sobre baús, armários e cabideiros: trilhando caminhos entre a pré-modernidade, modernidade sólida e modernidade líquida* (2016), João Paulo Baliscei, Teresa Kazuko Teruya e Vinícius Stein ratificam essa dificuldade dos indivíduos e das instituições pós-modernas em conquistarem qualquer permanência nos campos das identidades. Os autores e a autora destacam que, num passado recente - relacionado à Modernidade - a racionalidade e a homogeneização em prol da ordem e do progresso científico, artístico e filosófico eram tidas como alicerces das sociedades. Daí a necessidade e insistência em agrupar os indivíduos semelhantes e em destacar aqueles

que se desviam da ordem, catalogando-os, classificando-os e buscando medidas para “adequá-los”. Dessa maneira, eram valorizadas relações e sentimentos sólidos, isto é, que iam ao encontro da tradição e da durabilidade, e que almejavam valores como garantia, segurança, carreira, família, compromisso, memória, fidelidade, estabilidade, rotina, planejamento, metas, confiança, resistência e longevidade.

Além disso, para analisar esse contexto de TikTokzação das masculinidades, podemos recorrer, uma vez mais, a Bauman (1999; 2007) e a Hall (1992), quando indicam que no final do século XX, as identidades já estavam fortemente marcadas por fluxos materiais e simbólicos e por conflitos e interesses. As “velhas” identidades que estabilizavam o mundo social a partir de uma concepção modernista estavam, conforme os autores, em declínio, fazendo surgir, então, “novas” identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Em outras palavras, se a concepção de identidade da Modernidade entende o sujeito como unificado e coerente, a perspectiva que a sucedeu, a da Pós-Moderna, tem abalado os quadros de referência que davam aos indivíduos uma certa ancoragem e uma sensação de estabilidade no mundo social, incluindo as questões identitárias de gênero e de sexualidade.

Na Modernidade, as sociedades, preponderantemente tradicionais, tendiam a venerar o passado e os seus símbolos. A tradição era o meio de lidar com o tempo e com o espaço. Contudo, com o advento da Pós-Modernidade e da globalização, as sociedades, até então concebidas como modernas, passaram a ser caracterizadas, paulatinamente, pela diferença. A partir disso, os grupos têm sido atravessados por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem, nas palavras de Hall (1992), uma variedade de “posições de sujeitos”, isso é, uma multiplicidade de identidades que, não necessariamente, harmonizam-se em seus interesses, ideais e fundamentos. De fato, são tantas as narrativas efêmeras e espontâneas que coexistem na Pós-Modernidade e que, por vezes conflitam entre si, que, nas sociedades mais contemporâneas, parece não haver lugar para as permanências, sejam elas físicas, ideológicas e identitárias, como vemos no exemplo mencionando em que jovens heterossexuais experimentam vivências afetivas e visuais que provocam fissuras ou pelo menos estranhamentos à hegemonia.

Todavia, vale citar que a identidade, a nível individual, não desapareceu – precisamos de uma identidade para nos distinguirmos socialmente. O que ocorre é que, em condições pós-modernas, as identidades estão mais disputáveis. Bauman (2007) explica que a tolerância à permanência e ao pertencimento é um traço distintivo dos

apresentados por sociedades anteriores. Desse modo, atualmente, múltiplos e distintos modelos de identidades coexistam.

Nesse ponto, destacamos que apesar de teoricamente a sociedade Pós-Moderna estar sujeita a conceder maior liberdade e oportunidade a juventude contemporânea no que diz respeito às possibilidades de explorarem expressões do masculino distintas do que propõe a hegemonia, não é exatamente o que ocorre. Kimmel (1998) explicita que, mesmo com a coexistência de múltiplas referências sobre masculinidades, ainda existe uma estrutura institucional patriarcal que tende a verificar expressões do masculino como válidas, ou não. Essa estrutura sócio, econômica, política e culturalmente construída tem feito com que em meninos e homens cada vez mais adquiram ansiedade ao que se refere à demonstração e prova constantes de uma hombridade socialmente aceita. Ademais, os indivíduos masculinos têm autenticado sua masculinidade “bem sucedida” através da desvalorização de outras formas de masculinidades, portanto, posicionando o hegemônico por oposição aos subalternos, na criação do “outro”. Segundo o autor, esse “outro” caracteriza as expressões de masculinidades que não correspondem ao modelo que hegemonicamente é apresentado para essa expressão de gênero. Em outras palavras, o outro masculino é aquele que foge à imagem do sujeito durão, seguro, violento e disponível sexualmente, ou que expressa algum indicativo de feminilidade (fato que reflete a natureza tóxica e misógina desse modelo hipermasculino).

No caso específico dos influenciadores heterossexuais do TikTok, acrescentamos uma última análise. Ainda que a adesão que eles demonstram às identidades subordinadas seja um fenômeno intrínseco às práticas culturais da juventude contemporânea de rápida assimilação à não permanências, eles podem estar ocupando um lugar que não lhes é próprio. Em outras palavras, uma possível chave de leitura é a de que indivíduos que ocupam uma posição privilegiada (afinal, lidos como heterossexuais) estariam usufruindo de uma certa liberdade concedida pela Pós-Moderna para se expressarem e explorarem mais a fundo suas identidades e alcançarem números de visualização e *status* em redes sociais, enquanto que os indivíduos cujas identidades são, de fato, subordinadas, ainda permanecem sofrendo violência sistemática, inclusive nesses espaços *on-line*.

De fato, como indica Bauman (2007), uma sociedade “aberta” é uma sociedade exposta aos golpes do “destino”. Assim, ao mesmo tempo que a contemporaneidade assimila e tolera o novo, na mesma velocidade, esse novo já não é mais tolerado e se torna uma ameaça. Essa instabilidade da dinâmica social causa incertezas, inseguranças e apreensão que, conforme o autor, geram medo e sensação de risco permanente. E para

buscar proteção, os indivíduos procuram o recrudescimento de valores e normas que outrora solidificavam as sociedades e lhes davam a sensação de segurança e estabilidade.

Nesse contexto, e como resposta a essa sensação de medo, reações misóginas, racistas e/ou homofóbicas, por exemplo, emergem na tentativa de recuperar um contexto outro que, imagina-se, ser mais “seguro” para os grupos que permanecem em posição de privilégio e cujas identidades não são questionadas. No que diz respeito à juventude contemporânea brasileira, vemos expressões dessa prática, por exemplo, diante do caso em destaque na notícia *Homofobia, feminicídio e execuções: 12 influenciadores já foram assassinados este ano*. Veiculada pelo jornal O Globo (2023), a notícia explicita que o jovem Júnior de Souza, de 24 anos, um influenciador digital que se identificava como gay, fora assassinado após supostamente ter flertado com o acusado do crime.

Ademais, até mesmo meninos e homens heterossexuais, que, teoricamente, estariam numa posição de privilégio, podem acabar sendo vítimas dessas reações, caso subvertam as normas pré-estabelecidas por um modelo hegemônico, já assimilado pela sociedade, sobre o que significa “ser homem”.

Essa realidade é refletida em uma outra notícia, intitulada *Os alertas deixados pelo suicídio de Lucas, um adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia no TikTok*, e veiculado pela revista Carta Capital (2021). Segundo a notícia, o jovem brasileiro Lucas Santos, de 16 anos, um rapaz heterossexual, recebeu, em suas redes sociais, mensagens de ódio, após postar um vídeo na plataforma TikTok. Nos vídeos em questão, Lucas performava um modelo mais “suave” de masculinidade, isso é, assumia comportamentos, gestos e aparências que destoavam do modelo masculino heterossexual. Essa tentativa de silenciamento em nome da manutenção de uma masculinidade hegemônica vigente levou o adolescente a cometer suicídio. Recorremos a Hall (1992), uma última vez, para analisar esse fato, já que o autor ratifica a tese que o desencanto com o modelo Pós-Moderno de sociedade tem mobilizado atitudes fundamentalistas e intolerantes – os casos citados acima são um exemplo. Afinal, frente às inúmeras possibilidades de escolha (as múltiplas expressões de masculinidades, por exemplo) o fundamentalismo se torna uma alternativa, constituindo-se uma evidente manifestação contra o relativismo generalizado, associado às incertezas das situações de escolha em um mundo em desordem; contudo, ao acioná-lo, fortalecem-se as tradições que, por tanto tempo, têm privilegiado alguns mesmos grupos, constituídos, de modo geral, por homens, brancos, cisgênero, heterossexuais, europeus e cristãos.

Considerações Finais

O fenômeno de TikTokzação, atrelado a um processo intrínseco à Modernidade Líquida, tem redefinido as concepções de masculinidades e as representações de gênero e de sexualidade experimentadas pela juventude contemporânea? Interpretamos que a influência desempenhada pela cultura visual na construção das identidades de gênero e de sexualidade tem aberto significativos espaços e oportunidades para a diversidade. Quando pensamos, por exemplo, sobre as múltiplas e complexas maneiras de se experimentar as masculinidades e de acessar de referências menos tóxicas dessa identidade de gênero, vislumbramos nas imagens e conteúdos circulados pela rede, oportunidades de diálogos e de desestabilização de modelos hegemônicos. Sobre isso, por exemplo, identificamos que influenciadores heterossexuais do TikTok, amparados pela rápida adesão de outros/as jovens contemporâneos/as a essa rede social, estariam questionando algumas das tradições e valores que foram fortalecidos pela Modernidade Sólida. Resguardados pelos conceitos de masculinidades hegemônica e subalterna e pela teoria das políticas das masculinidades, reconhecemos que a escolha de vivenciar uma masculinidade menos tóxica pode ser lida como uma redefinição de toda uma estrutura hegemônica já assimilada por outras gerações. Em outras palavras, a tentativa de subverter (ou, pelo menos, de desestabilizar) os discursos e práticas que têm sido tradicionais aos indivíduos heterossexuais oferece contraste às concepções que caracterizam e conceitual a masculinidade em associação com a violência, a competição e ao esporte, como, por exemplo, apresentam os depoimentos no documentário em *The Mask You Live In* (2015). Parece-nos que as trocas e vínculos estabelecidos pela e entre a juventude contemporânea, em uma prática que aqui denominamos como Tiktokzação, ampliam os significados que, no documentário, recorrem-se para caracterizar as masculinidades, os quais indicam, por exemplo, que homem “não” chora, “não” sente dor, que está sempre disponível sexualmente e que despreza qualquer indício de feminilidade.

Por outro lado, em uma outra perspectiva de análise, notamos que, nesse ínterim, ocorre certo esvaziamento de práticas que são, também, políticas e identitárias. Em análise da Tiktokzação das masculinidades, examinamos que, em muitos casos, os jovens que aparentemente vivenciam expressões de masculinidades mais fluída estão mais mobilizados a fazê-lo em decorrência de uma onda viral no mundo *on-line*, a partir da qual alcançam certo *status* de pertencimento que dela decorre. É como se esses e outros influenciadores que exploram modelos de masculinidades divergentes da tradição

hegemônica não necessariamente o fizessem com o propósito de alargar os limites de gênero e de sexualidade de um grupo, em uma ação política, mas, sim, apenas, simplesmente, para alcançarem mais visualizações em seus perfis. Nesse caso, uma outra interpretação possível é a de que, com isso, tais jovens estariam ocupando um espaço privilegiado dentro de um grupo minoritário ao qual não pertence. Isso pode ser fortalecido quando verificamos, por exemplo, que TikTokers heterossexuais que produzem conteúdos homoeróticos em encenações artificiais e performadas tendem a ganhar mais visualizações e são, por vezes, cumprimentados por ressignificarem os limites das masculinidades, ao passo que, quando indivíduos autenticamente pertencentes à comunidade LGBT enfrentam reações violentas em resposta a práticas que lhes são mais espontâneas ou genuínas. As notícias mencionadas ao longo do desenvolvimento desse artigo apontam e caracterizam as violências decorrentes da LGBTfobia no país.

Apesar disso, é preciso sublinhar que, num contexto de liquidação das instituições e das relações pessoais, até mesmo influenciadores heterossexuais estão sujeitos a sofrer represálias LGBTfóbicas, como evidenciado pelo *Caso Lucas* (2018), sobre o qual comentamos e que indica que os preconceitos que mobilizam essa e outras violências não são apenas da ordem da sexualidade, mas, também, do gênero.

Além disso, nessas considerações, apontamos que o processo de liquidação, promovido pela ascensão do individualismo, da globalização e da inabilidade da sociedade Pós-Moderna em tratar questões sociais emergentes, levou uma parcela significativa dos indivíduos a desejarem solidez e permanência, uma vez mais. Essa frustração por não encontrar solidez nas relações sociais tem feito com que muitos meninos, jovens e homens busquem, a todo custo, encaixar-se em padrões obsoletos, bem como tem intensificado as reações negativas ao diferente.

Tendo chegado a esses resultados, explicitamos que outras análises possivelmente apresentariam interpretações distintas e até mesmo contrárias as nossas. Discutir sobre a construção visual das masculinidades sobre os modos como a juventude contemporânea, seus discursos e imagens valorizam e desvalorizam determinadas identidades de gênero é mais do que um exercício de percepção analítica. Concluimos, logo, que essa é, também, uma possibilidade de repensar as maneiras como interagimos com os novos cenários digitais, como a Tiktokzação e outras práticas que estão em rápida ascensão, e sobre como somos subjetivados pelas referências que elas produzem e apresentam à juventude contemporânea.

Referências

BALISCEI, João Paulo; TERUYA, Teresa Kazuko; STEIN, Vinícius. Sobre baús, armários e cabideiros: trilhando caminhos entre a pré-modernidade, modernidade sólida e modernidade líquida. **Comunicações**, Piracicaba, ano 23, n. 1, p. 249-266, 2016.

BALISCEI, João Paulo; BRASIL, Bruna dos Santos. “Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância. **Revista Educação em Foco**, Belo Horizonte, v.26, n.48, p.1-18, 2023. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/7141>.

BALISCEI, João Paulo; COSTA, Emanuelle Dalécio da. (In)visibilidade negra e Cultura Visual: Chapeuzinho Vermelho negra e Lobo Mau branco. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 47, p.182-206, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/90703>.

BALISCEI, João Paulo; PAULINO, Maria Fernanda Serrilho de Abreu. Memetizando em sala de aula: Memes, Leitura de Imagem e desafios da Educação Contemporânea. **Revista Palíndromo**, Florianópolis, v. 16, n.38, p.1-22, 2024. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/24471>.

BASILIO, Ana Luiza. Os alertas deixados pelo suicídio de Lucas, um adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia no TikTok [online], [s.l.], 8 ago. 2021. **Carta Capital**. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em 20 fev. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Aparecida – Rio de Janeiro: **Zahar**, 2007.

CONNELL, Raewyn. Políticas das Masculinidades. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, ano 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth (org.). *Media and Cultural Regulation*. Londres: **Sage/The Open University**, 1ª ed., 1997, p. 208-236.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: **Lamparina**, 1995.

HAWGOOD, Alex. *Everyone Is Gay on TikTok* [online], 24 out. 2020, **The New York Times**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com>>. Acesso em 20 fev. 2024.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

NUNES, Luciana Borre. As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual. *Aparecida - SP: Idéias & Letras*, 2010, p. 17-42.

OGLOBO. Homofobia, feminicídio e execuções: 12 influenciadores já foram assassinados este ano [online], 6 jun. 2023, **O Globo**. Disponível em: <<https://www.oglobo.globo.com>>. Acesso em 20 fev. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Recebido em abril de 2024.
Aprovado em maio de 2024.